

MANEIRA VIVA

Director : ANTÓNIO SANTOS

SEMANARIO

ANO III — N.º 113 — Preço 5\$00 — 17/9/78



TODOS OS ANOS, EM SETEMBRO

...E um ano depois cá estão elas outra vez: as Festas da N. Sr.ª da Ajuda. «Tradicionais festejos» nesta altura do ano, tão tradicionais e habituais que só o calendário os parece pedir e trazer consigo. Dir-se-ia que se não houvesse Setembro, se não fosse hábito de com as primeiras semanas deste mês elas aparecerem, não haveria festas. Porque basta ler os papéis com o programa que andam por aí espalhados para nos interrogarmos se se trata da festa deste ano ou da de há dez anos, tal é a «tradição» na repetição de um programa sem qualquer imaginação, tirado a papel químico daquilo que se tem visto todos os anos.

Entrada de banda, saída de banda, majestosa procissão, deslumbrante fogo

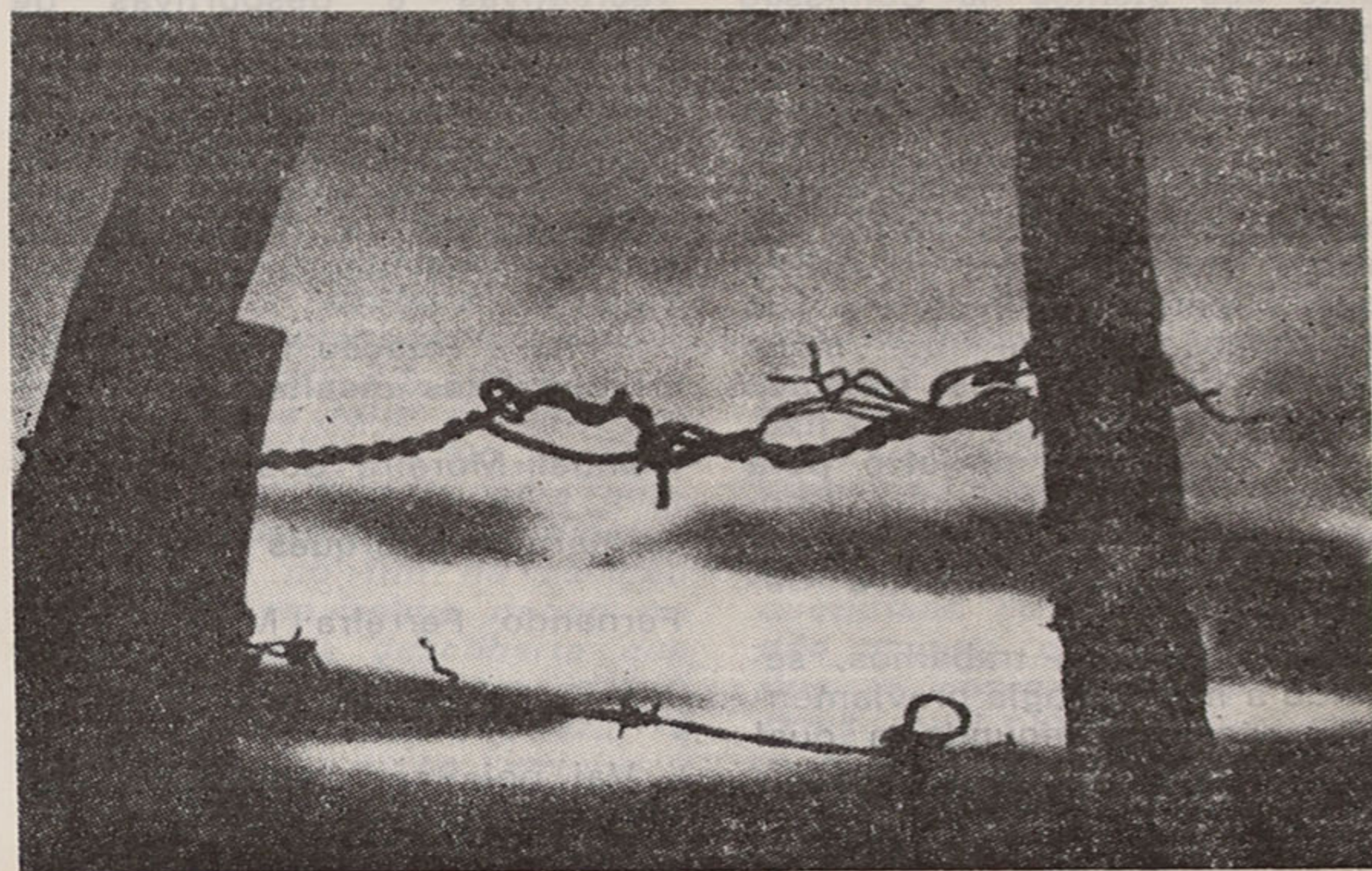
de artifício, comovente bênção do mar, tradicional festa das cebolas... Até as palavras são rigorosamente as mesmas, talvez porque seja a organização do costume, os homens os mesmos, as ideias de sempre, a festa de ontem com data de hoje. Não houve, claramente, qualquer interesse em fazer da festa alguma coisa mais do que uma obrigação de calendário e compromisso mais ou menos religioso. Mas mesmo a esse nível seria de exigir que se tivesse trabalhado para conseguir algo melhor, o que não seria, por certo, coisa difícil. Mas, não, preferiu-se a rotina, o habitual, a tradição (no pior sentido), o gato por lebre, o fazer a festa mais uma vez à custa do nome que já teve. Com isso ter-se-à feito o

mínimo para que as pessoas apareçam e ajudem a confirmar o engano que tudo é. Mas que alternativa lhes é dada, que outros momentos de «festa» são proporcionados?

Não consta que haja mais a fazer do que lamentar que tudo se passe assim e que nem sequer se possam propriamente exigir resoonsabilidades. Ao fim e ao cabo bocejar de aborrecimento até pode ser considerado má educação. E esta festa não passa de um grande bocejo colectivo, mesmo no abrir da boca de espanto pelo deslumbrante fogo, pelo enfeitado andar ou pela visão da mulher mais forte do mundo.

Mas a festa vem aí, como todo os anos, em Setembro.

CHILE DE MANEIRAS VÁRIAS



Setembro é mês de muita coisa, boa e má. É mês de vindima e de colheita. Mês de traidores e carrascos. Mês em que o Verão das colheitas e da alegria do povo emigra no Inverno profundo e triste da morte que espregueia a Primavera que há-de vir.

Setembro no Chile. Mês de lembrar em segredo as colheitas prometidas e contar os mortos da esperança adiada. De ficar com olhos parados e ouvidos abertos, vendo e ouvindo o povo na rua a caminho do futuro.

Que Setembro cortou ao meio mas não liquidou. Desde então, desde esse dia 11 de Setembro de 1973, tem sido o retomar doloroso mas firme da marcha interrompida, na certeza da solidariedade de tantos que não esquecem.

Mas Setembro deixou de ser apenas Chile, para ser um continente inteiro atraído que espera a sua hora, certo de que carrascos e traidores não chegarão à Primavera. E Chile passou a escrever-se de maneiras várias: há quem lhe chame Bolívia e recorde o Che, quem lhe troque as letras e escreva Brasil, quem feche os olhos e diga em voz baixa e tensa Uruguai, índios, Somozas, «campesinos», Argentina, quem desdobre o panfleto e saiba de metalúrgicos em S. Paulo, mineiros no Peru, camponeses na Guatemala. Quem leia «hacienda» e plantação e grite Reforma Agrária.

Porque Chile é hoje símbolo vivo do passado que ainda vivemos e do futuro que queremos viver.

Comandante confessa-se ditador nos Bombeiros Voluntários de Espinho

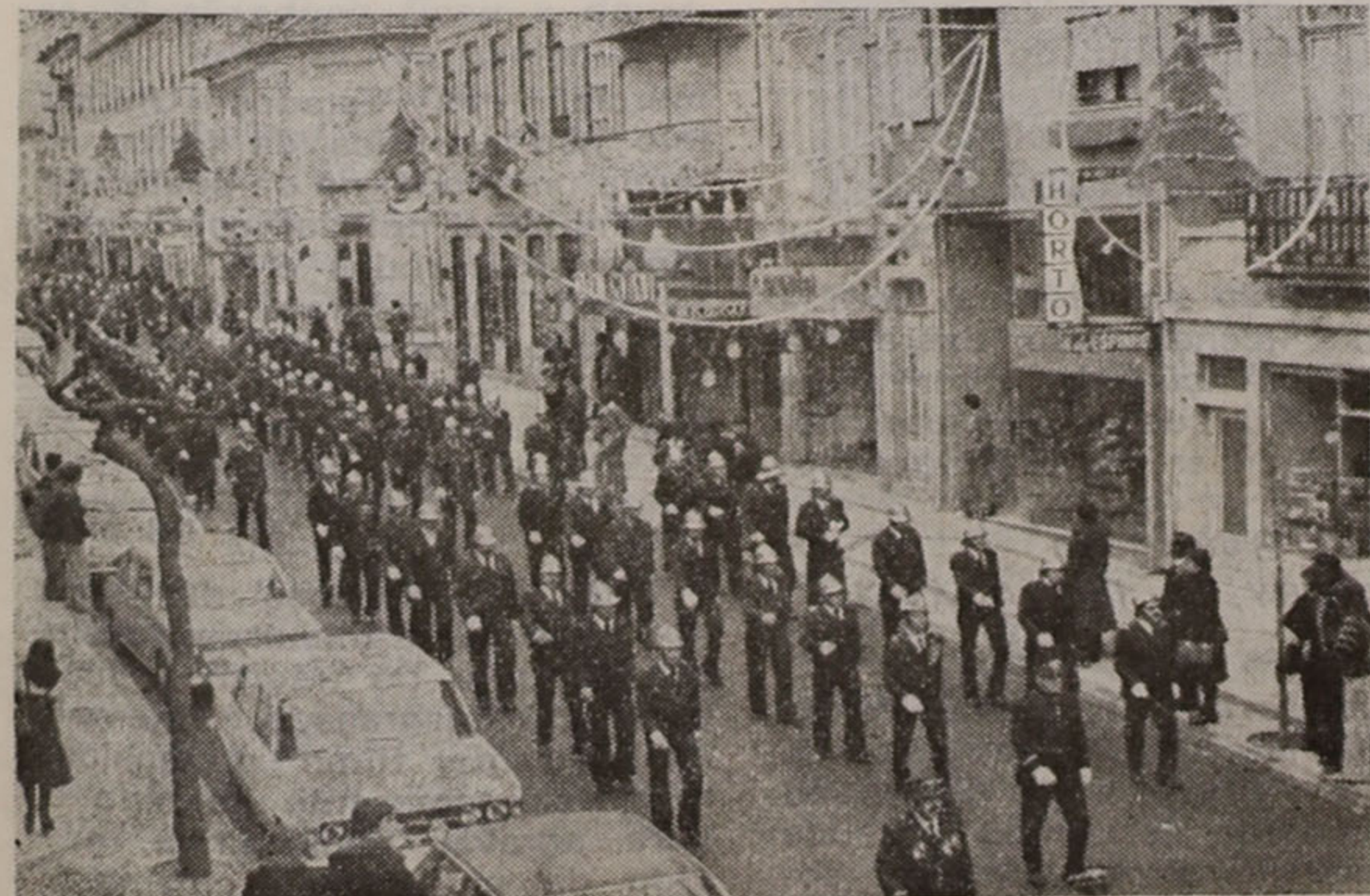
Conforme noticiamos no passado número algo se passava nos Bombeiros V. de Espinho. Pelas razões então expostas, que depois constariam de documento assinado por 32 elementos do corpo activo, era exigida a demissão do seu comandante, sr. Veiga Ribeiro. Mas a resposta oficial a estas diligências ainda não surgiu. Antes pelo contrário, como nos

informaram alguns dos bombeiros em causa, foi instaurado um inquérito a quatro dos subscritores, por alegadas actividades divisionistas, prática de actos de insurreição e realização de «reuniões secretas», através da iniciativa do ajudante de comando, um chefe e dois subchefes.

Esta comissão de inquérito começou a funcionar no passa-

do sábado, não fazendo parte dela o comandante. Ora, conforme os mesmos bombeiros nos informaram, o sr. Veiga Ribeiro deu uma entrevista ao «Diário Popular» na sexta-feira, publicada no dia seguinte, em que a certa altura afirmava: «Na primeira fase irão cinco ou seis para a rua e, depois, seguir-se-ão outros, conforme o seu posterior comportamento ou reacção». Perguntam os nossos interlocutores, e perguntamos nós se a entrevista foi dada

continua na página 4



AS RELÍQUIAS DO PASSADO

Os calhambeques pavoneavam-se perante a apatia dos não muitos espectadores que ocorreram àquele concurso de elegância das máquinas de outrora, bem conservadas pelas bolsas opulentas dos seus proprietários. Na bancada ou na berma do passeio eram os bocejos, aqui e ali alguns aplausos desgarrados e mornos, algum sorriso a descair

para o amarelo. Os motores roncavam, os condutores passeavam o seu ar de infinita superioridade, os automóveis continuavam na sua triste sorte. Objectos de luxo, propriedade dos grandes senhores na época em que surgiram, continuam, agora que a máquina de quatro rodas se democratizou em larga escala, a funcionar como adereços dos repimpadamen-

te instalados no topo do escalão social.

Não estamos, portanto, contra os infelizes dos carros, não condenamos que se mostre a evolução do automóvel através dos tempos, só que por trás disso, cheia a elitismo que tresanda, a turismo de «cinco estrelas», desinfectado do cheiro a suor das multidões. Tu-

continua na página 4

MARE VIVA

SEMANARIO

Director: ANTONIO SANTOS

Redacção:

RUA 62 N.º 251 - 1.º
TEL. 921621 — ESPINHO

Propriedade:

NASCENTE — COOPERATIVA DE ACÇÃO CULTURAL, S. C. R. L.

Fizeram este número:

António Santos, Eugénio Morais, Fernando Meneses, João Barrosa, Morais Gaio e Victor Sousa.

Colaboração Especial:

Secção de Fotografia da «Nascente»

Composição e impressão:

TIPOGRAFIA MENESES — COOPERATIVA GRAFICA DE ESPINHO, S.C.R.L.
RUA 14 N.º 903 — TELEF. 921016

Conselho Municipal

Conforme havíamos noticiado o Conselho Municipal reuniu no dia 4 para indicar o representante dos utentes na Comissão Instaladora do Hospital de Espinho, em satisfação de pedido feito pela Câmara Municipal.

Com a presença de 12 conselheiros, no período antes da ordem dos trabalhos o senhor José Almeida manifestou a sua preocupação sobre os maus cheiros deixados nos trajectos dos veículos da recolha do lixo, o que representa prejuízo para a saúde pública, tendo o Conselho confirmado o facto e decidido expor o assunto à Câmara.

Na ordem dos trabalhos, seguindo a metodologia previamente acordada e segundo a qual cada conselheiro poderia indicar um candidato, foram indigitados os nomes de Manuel Moreira dos Santos, Bernardino Marques Antão e Fernando Ferreira Maia, apresentados respec-

tivamente pelos representantes das Comissões de Moradores, das Colectividades culturais, recreativas e desportivas de âmbito de Freguesia e pela comissão de Trabalhadores dos Serviços Municipalizados.

Apresentada uma proposta de adiamento do assunto, visando a indicação de mais nomes, foi a mesma recusada por maioria.

Feita a votação foram obtidos os seguintes resultados:

Manuel Moreira dos Santos	8 votos
Bernardino Marques Antão	1 voto
Fernando Ferreira Maia	1 voto
Votos em branco	2

Vai pois ser indicado à Câmara Municipal o nome do sr. Manuel Moreira dos Santos como representante dos utentes na Comissão Instaladora do Hospital de Espinho.

FARMÁCIAS

Quinta — Farmácia Santos — Rua 19 n.º 263 - Tel. 920331
Sexta — Farmácia Paiva — Rua 19 n.º 319 - Tel. 920250
Sábado — Farmácia Higiene — Rua 19 n.º 393 - Tel. 920320
Domingo — Grande Farmácia — Rua 62 n.º 457 - Tel. 920092
Segunda — Farmácia Teixeira — Rua 19 n.º 46 - Tel. 920352
Terça — Farmácia Santos — Rua 19 n.º 263 - Tel. 920331
Quarta — Farmácia Paiva — Rua 19 n.º 319 - Tel. 920250

ROTINA, NADA MAIS

Até nós chegaram informações um pouco alarmantes sobre um surto de hepatite que estaria a verificar-se na cidade. Como se trata de um caso de saúde pública que, a confirmar-se, se revestiria de gravidade, contactámos o sub-delegado de saúde, na tentativa de esclarecer devidamente o assunto e para não criar situações menos claras. Foi-nos dito que efectivamente se registaram alguns casos, mas que têm um carácter apenas isolado e são, digamos, de rotina.

Lembrou-nos ainda o Dr. Miranda Valente que rotineiras, mas muito importantes, são, igualmente, as medidas de higiene que devem ser tomadas, sobretudo nesta época de verão, quanto a saladas, frutas e legumes em geral. A partida, isso será um aspecto essencial para que vários tipos de infecções não tenham lugar. Quanto aos casos que, infelizmente, vão sempre aparecendo, pois lá estão os hospitais para o que for necessário.

SALÃO PAROQUIAL

As obras do Salão Paroquial vão avançando, mas para que cheguem a bom termo, será preciso que as moedas tilintem nos cofres. Daí que uma comissão tenha, de há uns tempos para cá, instalado nos terrenos, onde já funcionou a «Feirinha» (apesar de tudo de boa memória), uma tómbola e uma tenda de comes e bebes, abertas ao público aos sábados, domingos e segundas.

É jogar a ver se sai, é confortar o estômago e refrescar a garganta, é colaborar numa for-

ma agradável e nada penosa, para que a obra fique de pé, apta a servir Espinho. Quem lá não foi, ainda está a tempo de o fazer!

Neste sentido, a mesma comissão levou a cabo, no passado sábado, um arraial em Esmojães. Terá sido feita pouca publicidade, tornando-se restrito aquilo que deveria ser a forma de pôr a colaborar todos aqueles a quem o Salão Paroquial há-de, sem dúvida, servir.

III Salão Nacional de Fotografia

— Devia haver mas não há

Em Dezembro passado o responsável pelo Pelouro do Turismo local, senhor Veiga Ribeiro, convoca para o Salão Nobre da Câmara Municipal representantes das organizações recreativas e culturais do Concelho espinhense, no propósito de saber delas sugestões e propostas concretas, a integrar no Plano de Actividades para 78. A Mesa, composta pela então ainda em funcionamento Comissão de Festas do Turismo, ia registando os pedidos, que iam da modesta dezena até às centenas de contos, para actividades tão diversas como festas de aldeia e realizações de amplitude internacional.

Registados os pedidos, a gente do Turismo elaborou um Plano, que sujeita como é de lei à Assembleia Municipal. A NASCENTE, cooperativa de acção cultural, propõe-se promover 3 realizações: uma em Junho, outra em Agosto e uma terceira em Novembro. A primeira, a celebração do DIA MUNDIAL DA CRIANÇA; a segunda, o III SALÃO NACIONAL DE FOTOGRAFIA; a terceira, o CINANIMA 78 — II Festival Internacional de Cinema de Animação. Para estas realizações solicitava uma verba global de 300 contos.

Divulgação do Plano de Actividades para o corrente ano, ficamos a saber que ao Salão de Fotografia cabiam 75 contos e ao CINANIMA 120. Ou seja, para além da omissão do Dia Mundial da Criança, à NASCENTE atribuíam pouco mais de 60% da verba solicitada e, na altura, devidamente justificada.

Houve festa para as crianças, com uma dimensão muito mais modesta, é claro, e despesas suportadas pela NASCENTE. Quanto ao Salão, que apesar de ser organizado pela Cooperativa incluía elementos a ela alheios, nomeadamente pessoas já experimentadas nos anteriores salões (uma primeira realização em 1971 de dimensão apenas local, e duas outras, em 73 e 76, nacionais), foi elaborado o regulamento de participação,



preparada a maquete para o cartaz publicitário, estabelecidos contactos com diversas associações fotográficas e solicitada a utilização do único salão disponível para estas coisas na Cidade, o Salão da Piscina. Deu-se ainda conhecimento à Câmara e ao Turismo da necessidade de ser concretizado o subsídio referido no Plano de Actividades. Do que se passou depois disso, rezarão as crónicas. A verdade é que o Salão não se fará este ano. Pelo menos, organizado pela NASCENTE.

Dizem-nos que o problema é complicado, que a SOLVERDE tem feito a vida negra à Assembleia Municipal, que há diferenças entre o Plano de Actividades e o Orçamento (e que essa diferença é superior a 500 contos) e que alguém tem que sofrer as consequências. Registámos a informação. Não aceita-

mos é o papel de «urso» que nos querem impingir.

Denunciamos a não realização do III Salão Nacional de Fotografia de Espinho, programada para o período de 26 de Agosto a 3 de Setembro de 78, como exemplo de não bastar badalar aos quatro ventos a vontade de tornar atractiva a nossa região, neste caso em época alta, noutros casos em altura mais baixa. Porque para certos senhores, na sua contabilidade o deve não tem nada com o haver. E, pelo menos para nós, tem!



Dia 14, Quinta-feira
SCORCHY

M/ 18 anos

A caça desencadeada aos traficantes de droga parece ser, após o êxito comercial de «French Connection», motivo de enredo para as fitas americanas do género policial/acção. Registe-se a inovação da mulher-detective desempenhada por Connie Stevens. Tem como resultado uma banalidade igual a muitas outras, originando um natural desinteresse.

Dia 15, Sexta-feira
UM CADAVER A SOBREMESA

M/ 13 anos

Num argumento excelentemente engendrado e desenvolvido por Neil Simon, podemos ver os mais célebres detectives criados por famosos escritores de livros policiais, todos reunidos numa mansão, a convite de um milionário entusiasta do género (Truman Capote), para deslindarem, à compita, um intrigante caso que lhes é apresentado. Assim, estão presentes figuras como Philip Marlowe (Peter Falk), Charlie Chan (Peter Sellers), o casal Nick e Nora Charles (David Niven e Maggie Smith), Hercule Poirot e muitos outros, que juntos neste caso, nos oferecem uma interessante e divertidíssima comédia. Há a assinalar o senão do trabalho do realizador, para nós des-

RIFAS DA NASCENTE

1.ª Semana — Extracção de 7-9-78

131	1.000\$00	Augusto Marinho da Mota
031	100\$00	João Henriques Jorge da Silva
231	100\$00	Manuel Maria Torres Ferreira
331	100\$00	António Sá Iglésias
431	100\$00	Artur Gomes Ferreira
531	100\$00	Domingos Godinho Ferreira
631	100\$00	António Vieira Nunes
731	100\$00	Adriano Cardoso
831	100\$00	Fernando Gomes
931	100\$00	Américo Almeida Ferro

conhecido, Robert Moore, ficar aquém do que seria ainda de exigir, mas não é no entanto motivo de criar qualquer espécie de desmotivação. É a todos os títulos de ir ver, pois comédias deste nível é obra quase rara nos tempos que correm.

Dias 16 e 17, Sábado e Domingo
CAMINHO DA FELICIDADE

M/ 13 anos

Fujam leitores! Vem aí mais um filme indiano, do pioro.

Dia 18, Segunda-feira
AS TARADAS

M/ 18 anos

... Serão as pessoas, com a devida licença, que tiverem a infeliz intenção de verem esta pornografia que nem sequer chega a merecer essa designação.

Dia 19, Terça-feira
HARRY, O IMPLACAVEL

M/ 18 anos

Surgido nos «westerns» feitos em Itália, sob a direcção de Sergio Leone, Clint Eastwood rapidamente se tornou um dos actores de maior sucesso co-

CENTRO DE ENFERMAGEM DE ESPINHO Rua 16 n.º 868

Todo o serviço de enfermagem no Centro e ao domicílio. Aluguer de oxigénio e camas articuladas

Horário: 9 às 12,30 e 14 às 19 h.
Domingos e Feriados 10 às 12 h.

Telefones 921587 e 922329

mercial nos Estados Unidos. Isto não significa de forma alguma um sinónimo de qualidade. O ambiente policial com cenas violentas a rodos é o seu forte, pois é o prato de maior consumo para aqueles lados.

Dia 20, Quarta-feira
25 ANOS DEPOIS

M/ 18 anos
Fita de suspense de trazer por casa, numa mistura de melodramático e de trágico a fugir para o desgraçado. Exemplo acabado de filme pretensioso mas desinteressante de todo e, para agravar mais ainda, servido de muito mau cinema.

Na Pereira Alves & Irmão

Trabalhadores enganados e sem trabalho

Não fora o anúncio que nos foi enviado e que publicámos na última semana, ainda não saberíamos da situação em que se encontram os oito trabalhadores da fábrica de tapeçarias «Pereira Alves & Irmão». Informava o anúncio de que se encontravam à venda diversas máquinas da empresa, o que nos levou a pensar que algo de anormal se passava com a fábrica, que há dois anos se constituiu numa cooperativa entre os trabalhadores e um dos patrões da empresa.

Dirigimo-nos ao local, perto do Bairro dos Pescadores e em frente ao Matadouro, e encontramos de facto as instalações encerradas. Informámo-nos nas imediações e pudemos assim contactar com dois dos trabalhadores da «Pereira Alves».

«Fomos de férias durante o mês de Agosto e no dia 1 de Setembro o gerente reuniu conosco e disse-nos que ia fechar a empresa. Nós tentámos convencê-lo, mas ele continuou na dele e deu-nos até guias para o Fundo de Desemprego, dizendo que a cooperativa tinha acabado por desentendimento».

Estranhámos como poderia uma cooperativa dissolver-se pela acção de um dos úni-

cos cooperantes o sr. António Pereira respondeu-nos: «A gente nunca teve não mão o papel da formação da cooperativa e não sabe o que há-de fazer. Só sabemos que ele se pôs a vender as máquinas e que é meio caminho andado para ficarmos sem trabalho. Sabe, nós somos analfabetos, não temos dinheiro para pagar a um advogado e andamos para aqui a ver como param as coisas».

O outro trabalhador, António Rocha adiantou: «O desentendimento de que o Fernando Pereira Alves fala é que nós queríamos ver as contas e ele nunca nos mostrou. Claro que nós começámos a fazer barulho e como o gerente já tem o dele assegurado, fechou-nos a porta».

Os trabalhadores parecem estar colocados numa situação com poucas saídas, além do desemprego. Sem saberem ao certo quais os seus direitos como cooperantes, sem possibilidade até agora de recorrerem a alguém que os defenda legalmente, sem mesmo terem hipóteses de retomarem o trabalho, pois nenhum deles conhece minimamente os meandros da contabilidade, encaram com grande pessimismo o seu

futuro, pois até o Fundo de Desemprego não parece que lhes seja concedido.

António Pereira, por exemplo, tem 37 anos de casa, que agora não lhe serão atendidos. E claro que tudo joga a favor do gerente-patrão-«cooperante». Se a greve de há dois anos tivesse concluído com o despedimento colectivo, os trabalhadores teriam de ser indemnizados. Mas como o caminho achado foi a constituição duma cooperativa (de que os trabalhadores nem sequer conhecem as cláusulas), agora é tudo mais fácil: fecha-se a fábrica, vendem-se as máquinas e vá de explorar para outro lado.

Aos trabalhadores parece ter ficado apenas o compromisso de pagarem a renda de 30 contos pelo edifício ao tio do gerente Fernando, ou o desemprego.

Há alguns trabalhadores que já se resignam à sua sorte, mas poder-se-á resignar, por exemplo, o sr. António Rocha, que depois de 10 anos de trabalho na fábrica, se vê sem meios para sustentar uma família de 9 pessoas?

Não, não nos parece que a resignação possa ser a atitude a tomar neste caso.

COOPERATIVISMO



Como vai a «PARAMENSE»...

Quando o movimento cooperativo no nosso concelho sofre rude golpe com os factos ocorridos na «Tapeçarias Pereira Alves», de quem damos informação neste «Maré Viva» e que procuraremos acompanhar até completo esclarecimento, quise-mos saber como vai a «Paramense», outra cooperativa do mesmo sector formada há mais de três anos.

Conhecedores do nosso interesse os elementos da direcção da «Paramense» fizeram uma pequena resenha de como surgiu e tem singrado esta cooperativa.

— Em Maio de 1975, perante o abandono da fábrica pelo patrão os 73 trabalhadores existentes, para defenderem os postos de trabalho, resolveram constituir-se em cooperativa. O abandono ficou a dever-se ao facto de não querer cumprir o C.T.T., pretendendo que os trabalhadores assinassem uma declaração em que aceitariam receber salários inferiores.

Sem qualquer apoio, com boicotes de fornecedores e de clientes, com mais de sete mil contos de dívidas (além de cerca de onze mil aos trabalhadores), foram muitas as dificuldades que tivemos que vencer.

— O funcionamento da «Paramense» constitui prática dos princípios cooperativistas?

— Sem dúvida. A direcção é eleita e a gestão processa-se por forma democrática. Os trabalhadores que são admitidos tornam-se sócios da cooperativa.

— Quais são as principais dificuldades de carácter funcional e económico?

— A principal é a falta de legislação que nos dê a garantia do futuro. Uma lei que faça

queremos comprar duas máquinas modernas que permitirão até aumentar os postos de trabalho. Para tanto necessitamos do aval do I.A.P.M.E.I. para um empréstimo bancário. Se tal



justiça obrigando a entidade patronal ao cumprimento das suas obrigações. Falta de apoio bancário, técnico e judicial.

A situação económica é razoável mas o apoio da banca permitia-nos ultrapassar muitas dificuldades por falta de fundo de maneio.

— Quais as perspectivas da «Paramense»?

— Com uma forte vontade de continuar, cumprindo o C.T.T. e tendo já gozado férias (embora só com parte do subsídio)

acontecer melhorarão muito as nossas condições para avançar. Entretanto procuramos outros mercados, como os Açores e Madeira, Malta e outros países.

«Maré Viva» ao encorajar estes trabalhadores que pretendem manter vivos os ideais de Abril, alerta todos os outros que se encontram em situação semelhante para os perigos que a falta de unidade pode provocar, numa altura em que as dificuldades de toda a ordem vão sendo cada vez maiores.

PONTO DE VISTA



«Saudades, tenho muitas...»

... e cá ando eu a passear a minha «náusea» por estas terras ditas ultra-civilizadas e tenho que ter cuidado pois podem pensar que é um novo artigo a lançar no mercado e se me descobrem lançam logo um novo anúncio televisivo, nos jornais, na rádio, nas embalagens de saís de frutos, «...minha senhora sintase jovem e bela usando «náusea» modelo 23...Verá como será mais feliz e todos os seus amigos, etc., etc... Mais um produto para consumo aparecerá no mercado, até que no fim da estação entrará em saldo, dando lugar a nova descoberta que nós compramos com prazer, satisfeitos por produzir e consumir a é ao infinito...

Sim, porque este é o país onde tudo está previsto, onde os súbditos de uma sociedade anónima de irresponsabilidade ilimitada têm tudo de tal maneira coordenado que ninguém precisa de tomar decisões importantes, poupando as suas forças para a luta quotidiana da compra dos víveres, para a decisão de qual programa de televisão escolher, onde passar o fim de semana, enfim, tudo o que uma sociedade de «bem-estar» oferece como modelo a um país «subdesenvolvido» como Portugal, que só acordou agora para a democracia e que em quatro anos já põe como alternativa o ensalsichamento, sob a marca «NOBRE», das empresas, em especial as mais produtivas, tendo como títulos: reforma agrária, saúde... (advertência: não agitar para não danificar o conteúdo; conservar fora do alcance das crianças...!)

No entanto, há ainda quem prefira a época desportiva e dar início a um nacional de natação muito especial em

que, usando toda a espécie de estilos, bruços, costas e, em especial, mariposa, tentam alcançar a meta de qualquer maneira, o que é preciso é ser campeão... e a água transborda, transborda, até que os empregados resolvem fechar a água e quem quiser vá para casa tomar banho na banheira...!

E depois disto pergunto-me se não estarei aqui a mais? Tenho de voltar para me pôr em dia com todos estes acontecimentos que se estão a passar sem mim, mas sobretudo participar no que é mais importante, no quotidiano do Homem, cidadão comum, que à parte do que se passa nas altas esferas está verdadeiramente a alterar, a inovar, a saber o que quer, até a aprender a dizer não. Em que se alterou o quotidiano do povo português de há quatro anos para cá? Será que eu também tenho consciência disso? Plenamente?

... A verdade é que eu nunca mais aprendo a escrever cartas em condições e a disciplinar a caneta e a não deixar correr ao sabor do «delibium tremens» dos meus pensamentos... Será que eu só tenho perguntas...?

Uma coisa é certa: saudades tenho, e muitas.

Carta escrita por uma espanhense, algures na Alemanha Federal, e que reproduzimos quer pela posição face a um país diferente e que tantas vezes nos é vendido como imagem que Portugal deveria adoptar se quiser ser «gente», quer pelo que revela de ligação a uma pátria e um povo lá longe, onde as saudades são o sentimento português da fraternidade e da solidariedade.



Pá velha

Confeitaria

Especialidades Regionais — Pastelaria sempre fresca

Angulo das ruas 23 e 20 - Tel. 922514 - ESPINHO



PNEUS CAR

Centro de Vendas de Pneus

Nacionais e Estrangeiros

Assistência Técnica

— Alinhamento de Direcções

— Vulcanização de Câmaras

— Equilíbrio de Rodas

IE. 926326

Rua 18 n.º 1010 — ESPINHO

Bombeiros Voluntários de Espinho

continuação da página 1

na sexta-feira, se o inquérito começou no sábado, se o comandante não faz parte da comissão, porque razão afirma ele, de forma tão peremptória, que os indivíduos vão ser expulsos? Quem tem poderes, a comissão de inquérito ou o sr. Veiga Ribeiro? Porque está ele tão seguro acerca da decisão a ser tomada?

Por outro lado, na mesma entrevista, quando lhe referem que o acusam de ser ditador, o polémico comandante responde: «E até é verdade. Prezo-me muito disso. Ditador no bom sentido da palavra, no sentido de aplicar a disciplina e fazer respeitar a disciplina. Nisso até é verdade o que eles dizem». Não valerá a pena comentar, apenas pergunta-se se se pode entender a palavra ditador no bom sentido.

O assunto, portanto, ainda não morreu. Muito mais haverá a dizer. Aguardemos o evoluir dos acontecimentos!

No que respeita à entrevista publicada no nosso último nú-

mero, recebemos o seguinte pedido de esclarecimento:

Exmo. Sr.
Director do «MARE VIVA»

Para esclarecimento do assunto, peço o favor de publicar, no próximo número do «Maré Viva» a seguinte rectificação: «Na notícia do «Maré Viva» com o título OS BOMBEIROS EXIGEM A DEMISSÃO DO COMANDANTE, saldo na semana finda, pode entender-se que a pessoa que foi presa por ser acusada de ter matado a sogra, seria aquela a quem o Comandante cedeu as instalações dos Bombeiros, o que não é verdade e só pôde acontecer por deficiente informação prestada.

Na verdade, as referidas instalações foram cedidas ao Sr. Francisco Conde, irmão do Sr. Mala, pessoa bastante conhecida e respeitada na cidade. Pelo lapso verificado apresento as minhas desculpas.

Espinho, 11 de Setembro de 1978

ARTUR MARTINS

Barata Moura ao Maré Viva

continuação da página 6

mo e até necessário.

Embora a canção infantil seja também uma forma de intervenção, ela exige um tipo de trabalho diferente. Porque fazes canções para crianças?

Eu sempre gostei de crianças. E porque um dia me vi obrigado a arranjar uma forma de entreter a todo o custo um bom grupo de miúdos enquanto esperava o jantar, peguei na viola e comecei...

Também escreveste alguns livros e, além disso, mantens a tua actividade como professor de filosofia.

Sim. Do ponto de vista intelectual é importante que eu dê a minha contribuição, com as obras que conseguir escrever. Em Portugal a produção no campo filosófico é muito pobre e eu penso que tenho a obrigação de fazer o que está ao meu alcance para que esta situação se vá alterando.

Quanto à actividade docente e à maneira como a concilio com as canções, pois para mim elas completam-se uma à outra. Os contactos que estabeleço quando vou actuar a algum lado, a riquíssima experiência humana que deles colho são grandes benefícios para a escrita e para a minha prática de professor.

não tem de modo nenhum correspondido a esta realidade, antes pelo contrário; insiste-se até muitas vezes em ressuscitar os velhos valores daquilo a que nós costumamos chamar o nacional-cançonetismo que não passa de uma forma musical perfeitamente alienante e reaccionária, produto pseudo-cultural do regime fascista.

A profissionalização dos músicos tem sido posta à discussão por diversos autores surgindo nesse tema algumas posições divergentes. Achas que a profissionalização é uma questão que se deve colocar na ordem do dia?

Eu penso que há que dar condições a quem possui as potencialidades necessárias para que possa fazer da música o seu modo de vida e a sua contribuição específica para a sociedade. É claro que a situação do nosso país põe alguns problemas. Contudo já vai sendo tempo de se dar alguma atenção a estas questões. Existe um caso que é já um verdadeiro escândalo nacional: trata-se, evidentemente do Carlos Paredes que, para além de ser um compositor e um executante verdadeiramente excepcional, é detentor de um estilo próprio. O Carlos Paredes está praticamente impedido de formar discípulos

porque tem que trabalhar nos arquivos de um hospital de Lisboa.

Porém a canção política não pode ser fruto de uma simples profissionalização. Ela só existe se for acompanhada de uma verdadeira militância. Temos que estar preparados para actuar em quaisquer condições seja com uma boa aparelhagem numa sala confortável seja num barracão com uma bomba a rebentar no palco como já me aconteceu.

A canção política surge trabalhada a dois níveis distintos: por um lado surge a canção com temas de fundo, elaborada normalmente a partir de textos de poetas consagrados; enquanto tal por outro lado temos a canção que fala do dia-a-dia, dos problemas do momento em que o cantor normalmente é autor de texto e música. Qual pensas ser o caminho mais importante?

No meu livro «A Estética da Canção Política» eu trato esse problema distinguindo a canção política de intervenção da canção política de intervenção directa. Embora eu me integre no grupo de autores que pretendem intervir de uma forma mais directa penso que as duas vias são complementares. No fundo existe entre essas duas posições uma diferença de padrões estéticos adoptados o que é legiti-

As reliquias do passado

continuação da página 1

rismo para meia dúzia de privilegiados, que já não engana, já não atrai a maioria da população, adversa a tais «snobismos».

Depois e, como grande atracção, lá tínhamos o Raul Solnado, a viver do nome, porque o que fez qualquer outro poderia ter feito. Andou atrás da piada, do humor, mas foram foguetes sem estalo, sopa sem sal, leu de fama medíocre, encheu a carteira, e pronto. De Solnado só o nome no cartaz!

Mas nome mais sonante, nome que merecia foguetes, desfile, ruas engalanadas, discursos e tudo foi o da D. Vera Lagoa, a condizer com as velharias de quatro todas, exímia especialista na

mentira, na ofensa, no jogo baixo, possuidora de língua mais suja que o rio Largo, triste personagem que este Portugal que se pretende renovado tem, escandalosamente, aturado. Ao serviço daqueles que ainda manejam os cordelinhos, a pretensa senhora, depois das suas manobras do negócio das «Misses», aí esteve, em Espinho, como ilustre membro do júri, a classificar reliquias, quando ela não passa dum detrito pouco recomendável à saúde pública.

Aqui está o Turismo da Solverde!

E, para quem tivesse dúvidas basta lembrarmos-nos do provérbio que afirma: «Diz-me com quem andas, dir-te-ei quem és!».

CICLOMOTORES DE ESPINHO

ANTÓNIO F. DE SÁ ALVES

Armazém de acessórios para qualquer marca de motorizadas e bicicletas

Motorizadas — Bicicletas — Acessórios

Rua 20 n.º 735 Tel. 920216 Apartado 107 ESPINHO

Supermercado do Lar

CAMPANHA DO MÊS

Papéis de parede desde 100\$00 o rolo — Alcatifas de 1.ª desde 120\$00 o m2 — Móveis de sala desde 17.500\$00
Cozinhas por elementos — Candeeiros — Maples — Arcas
Tapeçarias — Tudo para o seu Lar

Descontos p/ Revenda

Rua 62 n.º 227-231 Telef. 922986 ESPINHO

FÁBRICA DA BRASILEIRA

Ramiro de Sá Couto, L.ª

Caixas de Cartão Canelado

Papéis - Embalagens - Artes Gráficas

Telefone 967101 Apartado 11 S. Paio de Oleiros

CÂMARA MUNICIPAL DE ESPINHO

EDITAL N.º 34/78

Artur Pereira Bártolo, Presidente da Câmara Municipal do Concelho de Espinho:

Faço público, que esta Câmara Municipal em sua reunião ordinária de 1 do corrente mês, deliberou abrir concurso para a ocupação de uma montra na passagem inferior ao caminho de ferro, na Rua 19, pelo período de um ano, a terminar em 31 de Dezembro de 1979.

As condições para este concurso encontram-se patentes no Secretariado da Câmara Municipal, todos os dias úteis, dentro das horas normais de expediente e as propostas terão de ser entregues até às 17 horas e 30 minutos do dia 28 do corrente, em envelope fechado e lacrado e com a indicação do concurso a que se destinam, sendo abertas na reunião ordinária desta Câmara Municipal.

E, para constar, se passou este e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares do estilo e publicado no «Jornal «DEFESA DE ESPINHO», e «MARE VIVA».

Espinho e Paços do Concelho, 7 de Setembro de 1978

O Presidente da Câmara
Artur Pereira Bártolo

VISTA OS SEUS FILHOS

NA

BOUTIQUE MI

Rua 62 n.º 113 - ESPINHO

ANO INTERNACIONAL DA CRIANÇA

continuação da página 6

é a nação da Europa com mais mortalidade infantil. Esta mortalidade infantil é tão assustadora que, em cada dia que passa, se calcula que 10 crianças morrem desnecessariamente entre nós por falta de informação e de condições de higiene elementar. Para além disso, pode ainda referir-se que apenas cerca de 10% das crianças são abrangidas pela educação pré-escolar e uns escassos 3% entre os 6 e os 13 anos têm possibilidade de participar em activi-

dades para a ocupação dos seus tempos livres.

Por tudo isto, a Comissão Nacional entende que «De todas as acções que se podem realizar para melhorar este estado de coisas, uma das mais eficazes e económicas é sem dúvida a sensibilização e educação das populações. Esta acção que implica a participação activa das populações é não só uma necessidade como uma profunda ambição do povo português».

A Comissão Nacional define como sua linha de orientação os seguintes objectivos:

— Contribuir para a criação e desenvolvimento, na população portuguesa, da consciência da sua responsabilidade na saúde, educação e bem-estar da criança.

— Estimular e apoiar as iniciativas locais, regionais e nacionais para a discussão dos problemas que afectam ou podem vir a afectar o desenvolvimento e a saúde da criança na sociedade de hoje, bem como a realização de outras actividades integráveis nos objectivos do Ano Internacional da Criança.

— Escutar as crianças, sabendo que a sua participação activa é uma das formas mais fecundas para a realização da justiça que lhes é devida.

— Recolher dados que

possam servir de base à formulação de uma política integrada da infância e juventude.

— Suscitar a adopção de medidas tendentes a uma melhor resposta dos serviços.

Entre as acções destinadas a concretizar estes objectivos salientamos: um trabalho contínuo na sensibilização e esclarecimento da população acerca dos principais problemas que afectam as crianças em Portugal, a motivação de reuniões locais e a formação de grupos de trabalho e a promoção de um conjunto de actividades recreativas e de animação especialmente dirigidas às crianças, tendo particularmente em conta a participação activa e a necessidade de descentralização, bem como a prioridade às zonas mais desfavorecidas.

AGRADECIMENTO

Quando da morte do infeliz Rafael imediatamente foi constituída uma comissão para angariar fundos destinados às despesas inerentes ao funeral

A mesma comissão agradece a todas as pessoas que contribuíram para o mesmo e dão a conhecer que se irá fazer uma sepultura bem como uma lápide que lhe será alusiva.

Obrigados

Maré Viva

O JORNAL DA REGIÃO

Espinho, 2 - Aliados de Lordelo, 0

ENTRADA

COM O

PÉ

DIREITO!

ARBITRO: Domingos Sousa, de Viana do Castelo

S. C. ESPINHO: Pinto; Coelho, Pereirinha, Pinto Ribeiro e Mário; João Carlos, Manuel José (cap.) e Parra (Belinha); Reis, Mória (Meireles) e Sobral.

ALIADOS DE LORDELO: Pedro; Simões, José Manuel, Valdemar (cap.) e Mendes; Hélder Ernesto, Pinto Vieira (Armando) e Alves (Floresta); Arlindo, Jaime e Vitor.

ACÇÃO DISCIPLINAR: Cartões amarelos para Alves e João Carlos. Cartão vermelho para Vitor.

GOLOS: Manuel José (66 minutos) e Reis (74 minutos).

Este jogo entre o S. C. Espinho, um ex-prímodivisionário, e o Aliados de Lordelo que na época anterior havia disputado a «Iguilla» de acesso à 1.ª divisão prometia ser um bom «prato» para saciar o apetite dos amantes do desporto-rei, e a comprová-lo esteve a boa assistência que o presenciou.

O encontro propriamente dito, foi um jogo de início de época, com as equipas ainda à procura de um melhor entrosamento e com alguns jogadores ainda sem estarem no seu melhor. Mas o Espinho deu boas indicações já que tem um bom plantel com um lote de jogadores para todos os sectores de excelente nível para uma 2.ª divisão. A confirmá-lo temos o facto de os dois centrais da época passada

Raul e Gonçalves não terem jogado e a defesa não se ter ressentida de tal facto.

No jogo houve duas partes distintas: a primeira em que o Espinho dominou, mas sem discernimento e com os ataques a morrerem quase sempre na defesa contrária muito bem comandada pelo ex-espinhense e veterano Valdemar, e a segunda onde o domínio foi muito mais lúcido a que não são alheios a entrada de Vitorino Belinha e o recuo de Sobral para o meio-campo. Efectivamente a entrada do excelente jogador que veio do Paços de Brandão foi decisiva para o virar do jogo, já que, para além do que jogou esteve nos dois golos, ao suportar a falta donde sairia o primeiro e ao entregar de ban-

deja o segundo.

Portanto pelo que ficou dito houve uma saliência especial para Vitorino Belinha. Quanto aos outros elementos da equipa pois todos cumpriram bem, principalmente o meio-campo na segunda parte, depois da saída de Parra que, para já, não nos parece ainda em forma para ocupar um lugar a titular.

A arbitragem não teve problemas, tendo todos os cartões sido bem mostrados.

HORIZONTALIS

1 — Trompetista e cantor, desaparecido há sete anos, foi um dos maiores do jazz; 2 — Crómio (s.q.); fazer como os lobos; abreviatura de «opus» (obra), muito usada em música; 3 — Sulcar; desinfectante mais volátil que o álcool; 4 — Esmagam; a mais famosa escultura de Miguel Ângelo; 5 — Eles; símbolo da música (pl.); mercúrio (s.q.); 6 — Mentira; contracção de senhor; preposição/oposta a «com»; 7 — Chefiou a terceira invasão francesa a Portugal; 8 — Parte da crosta terrestre formada sobretudo por níquel e alumínio; a mais importante fábrica de automóveis da Itália e talvez da Europa; 9 — Substância sem forma nem volume fixos; Central Intelligence Agency; acolá; 10 — Novecentos e noventa e nove; língua africana mais falada na África do Sul; antes de Cristo; 11 — Dramaturgo francês do séc. XVII, autor de saborosas comédias, entre elas «Tartufo».

VERTICAIS

1 — Dinastia de reis francos que se iniciou com Carlos Magno; 2 — Destruo, andavam; 3 — Outra coisa; estimas; 4

Cantinho da Rambóia no Jamor

Cansaço custou derrota (1-2)

No magnífico relvado do Jamor, e sob um calor abrasador (embora o encontro se tenha iniciado às 9 horas da manhã de sábado), o «Cantinho da Rambóia» de Espinho e os «Amigos do Monte da Caparica» disputaram a final do «Torneio Popular de Futebol da Festa do Avante», que envolveu 220 equipas de todo o país.

A simples presença no Estado Nacional, sob a arbitragem do internacional António Garrido, constituía já um belo prémio para a carreira das duas equipas, mas não impediu que naturalmente pusessem o maior apego no resultado, transformando a partida num espectáculo agradável e extremamente correcto para os milhares de pessoas que ocupavam as bancadas.

O «Cantinho» acabou por ceder perante um adversário de maior poder físico, o que se acentuou pelo facto da equipa espinhense ter chegado a Lisboa às 6 horas da manhã, depois de uma viagem atribuída pelos enganos do motorista que chegou a andar por Setúbal.

Foi no entanto o «Cantinho» quem mais dominou, quem criou mais oportunidades, que só não concretizou pela tal falta de frescura física e graças à excelente exibição do guarda-redes contrário. Dois contra-ataques deram dois golos ao possante avançado-centro dos «Amigos do Monte da Caparica», um em cada meio-tempo, e foi só no último minuto que José Pinhal marcou o melhor tento do desafio, fazendo jus a uma grande ovação.

Merecidíssimo este ponto de honra, bem como a volta de honra no final do jogo, juntamente com a equipa vencedora, fortemente aplaudida pela vasta assistência.

O «Cantinho» alinhou com quase todos os seus jogadores, procedendo compreensivelmente a várias substituições: Manuel Maganinho (guarda-redes); Adelino, Granja, Neto, Paquete, Silva, Genso e João Pinhal (defesas); Pereira, Aníbal, Leite, Miguel, Rodrigues e Belmiro Maganinho (médios); António Maganinho, José Pinhal, Folha e Américo (avançados).

LEIA E CRITIQUE **Maré Viva**

CASA LUISA NOGUEIRA

João César da Costa

Depósito de Frutas — Vendas por junto e a retalho
Rua 16 n.º 750 ESPINHO Telef. 920304

CASA RAICA

Modas e Confeções

RUA 62 N.º 101 ESPINHO

Reparações em instalações eléctricas e em todos os electrodomésticos

ELECTRO PRONTO

MIRANDA & LEITE, LDA.

Venda de todo o material electrodoméstico e de baixa tensão
Rua 18 n.º 955 Telef. 923259 ESPINHO

SOCIEDADE **MALHAS COPICTEX** LDA

Confeção de Malhas para Criança e Adulto
Rua 22 n.º 1200 Apartado 76 ESPINHO

FONSECA

TECIDOS — MODAS

Rua 19 n.º 275
Telef. 920413
ESPINHO

Almolda Santos
ADVOGADO

Escritórios:
Av. 24 n.º 741, Sala C — Tel. 923314
ESPINHO (Junto ao Café Parque)
Horário — às 2.ª — Todo o dia,
4.ª e 6.ª — de manhã
VILA DA FEIRA Telef. 94251
(Junto às Escadas do Convento)

Moreira da Costa

CIRURGIA GERAL
E VASCULAR

Rua 20 n.º 520 - 1.º
Telef. 921014
ESPINHO

LIMA BASTOS
ADVOGADO

Escritório
Largo de Camões — Telefone 96281
VILA DA FEIRA
Residência:
Av. 24 n.º 245 - 1.º — Tel. 922904
ESPINHO

Pintura de automóveis

com rapidez e perfeição

Alzira Pereira de Azevedo

Garagens: SOUSA e S. PEDRO

STAND SERZEDENSE

António Martins da Silva
Assistência Total
Agente: SACHS SIS — EFS
Tel. 9620675 — SERZEDO
V. N. DE GAIA

Talho e Charcutaria
CENTRAL

Servir bem — Boas carnes
Rua 15 n.º 268 - ESPINHO

PROBLEMA

N.º 14

BRANCO SIMÉTRICO

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1										
2										
3										
4										
5										
6										
7										
8										
9										
10										
11										

SOLUÇÕES DO PROBLEMA 13

HORIZONTALIS

1 — Danificadas; 2 — Om; votar; rã; 3 — Suf; mal; CDN; 4 — Taipé; Freud; 5 — Orça; elai; 6 — Crónica; 7 — El; vi; 8 — Vociveravas; 9 — Sã; selim; ut; 10 — Mansões; 11 — Young; sinos.

VERTICAIS

1 — Dostoievsky; 2 — Amuar; loa; 3 — FICC; Mu; 4 — IV; partisan; 5 — Fome; Feng; 6 — Ita; Engels; 7 — Calf; rios; 8 — Ar; reclamei; 9 — Cela; sn; 10 — Ardua; vau; 11 Sandinistas.

ESTE JÁ NÃO É O MAIGRET

O serão da terça-feira é aquele que há mais tempo temos bem determinado: ver o Maigret na televisão. Saudámos com satisfação o seu regresso, depois de uma ausência prolongada, e habituámo-nos àquela hora e meia repousada numa história policial tranquila, bem contada, simples e onde Jean Richard se encaixava perfeitamente no papel do polícia criado por Georges Simenon. Nesta série, uma das melhores de quantas a R. T. P. nos tem oferecido nos tempos mais recentes, o «herói» não faz prodígios de ginástica mental, não se precipita em arriscadíssimas perseguições com tiros e automóveis, nem tem ao seu lado um dr. Watson a quem possa subjugar com a sua espantosa superioridade craniana.

Pelo contrário, na série, como nos livros de Simenon, Maigret transporta-nos ao círculo social onde se gerou o crime, integra-se e integra-nos nesse pequeno mundo, buscando na compreensão das pessoas e das suas relações o responsável pelo crime.

A completar um policial inteligente, um trabalho sério de bons actores, aparecia-nos com toda a naturalidade uma realização de René Lucot, sóbria, simples, aparentemente fácil, dando assim o toque final na serenidade de com que Simenon e o seu Maigret conduziam cada caso. Até que, há cinco semanas, a

realização passou a estar a cargo dum tal Jean-Paul Sassy, com resultados francamente decepcionantes. A uma primeira experiência em que o realizador debutante confundiu serenidade com sensaboria, seguiram-se novas experiências em que pontificaram o novo-riquismo e o mau gosto. São os «zooms», as «angulares», os «plongées» e «contre-plongées» por tudo e por nada, é em suma um realizador a fazer habilidades, como se quisesse mostrar de uma só vez tudo quanto aprendeu lá na sua escola. A série perdeu a maior das suas virtudes, a simplicidade, e transformou-se numa «chachada» sem o menor sentido de equilíbrio. E, para provar que não há bons actores sem a condução de bons realizadores, Jean Richard vulgariza-se e passa a dar-nos uma caricatura do Maigret. O Maigret que tinha na calma e na circunspeção as suas maiores qualidades, aparece-nos agora a berrar por «dá cá aquela palha», a rir-se em situações a que só Sassy achará piada, a espantar os espectadores a cada momento com reacções mais adequadas ao chefe do Baret.

Resta-nos a esperança de que Maigret seja devolvido à realização original e ir vendo na série também francesa «O Pão que o Diabo Amassou» como o bom cinema, na televisão ou fora dela, se pode fazer com simplicidade.

BARATA MOURA AO MARÉ VIVA

José Barata Moura é, com certeza, um nome bem conhecido dos nossos leitores. Desenvolvendo as suas actividades em múltiplas frentes, José Barata Moura conseguiu impor sempre a qualidade da sua intervenção. Estas razões e ainda o facto de, hoje mais que nunca surgir o trabalho cultural em toda a dimensão da sua importância, justificam plenamente esta entrevista, com que esperamos contribuir para a divulgação da canção política em todos os seus aspectos.

Gostava, para começar, que nos desses uma pequena ideia do que foi e do que é actualmente o movimento da canção política em Portugal, e ainda das razões da tua integração.

Aquilo que nós conhecemos hoje como a nossa canção de intervenção nasceu nos anos 60, ligada fundamentalmente às universidades e às Associações de



Estudantes. É já no princípio da década de 70 que a canção de intervenção começa a sair do meio estudantil para ir a pouco e pouco ganhando o país inteiro, acompanhando greves e lutas reivindicativas, surgindo nas festas das colectividades. Isto

foi extremamente importante porque nos proporcionou um contacto directo com o nosso país, com os problemas das classes trabalhadoras, o que implicou um grande salto qualitativo no nível do nosso trabalho. Entretanto a repressão fascista não estava parada.

Muitas iniciativas foram proibidas, acontecendo até proibirem-me de cantar para crianças. Após o 25 de Abril a realidade do nosso país transformou-se radicalmente e a canção política acompanhou esta evolução. Houve inclusivamente alterações em aspectos formais, uma vez que a liberdade conquistada permitia que as questões fossem postas com muito maior clareza.

A canção política ocupa indiscutivelmente um lugar de relevo na vida cultural do nosso país. Concretamente qual pensas ser o seu papel actual?

A canção política desempenha um papel extremamente importante na formação e sencibilização do nosso povo para o que é a realidade portuguesa. Aquilo que dá força à canção política é precisamente a luta do nosso povo na concretização das suas

legítimas aspirações, na consolidação da democracia e na construção do socialismo. Ela é um reflexo da luta social; nós, que a interpretamos, não podemos



desligar o nosso trabalho deste aspecto. Por todas estas razões a canção política atingiu em Portugal um nível qualitativo extraordinário, quer pelos temas que trata, quer pelo público que a consome que é, efectivamente, o povo trabalhador.

Apesar deste nível, os órgãos de informação têm mantido grande silêncio sobre este tipo de canções. Que pensas disso?

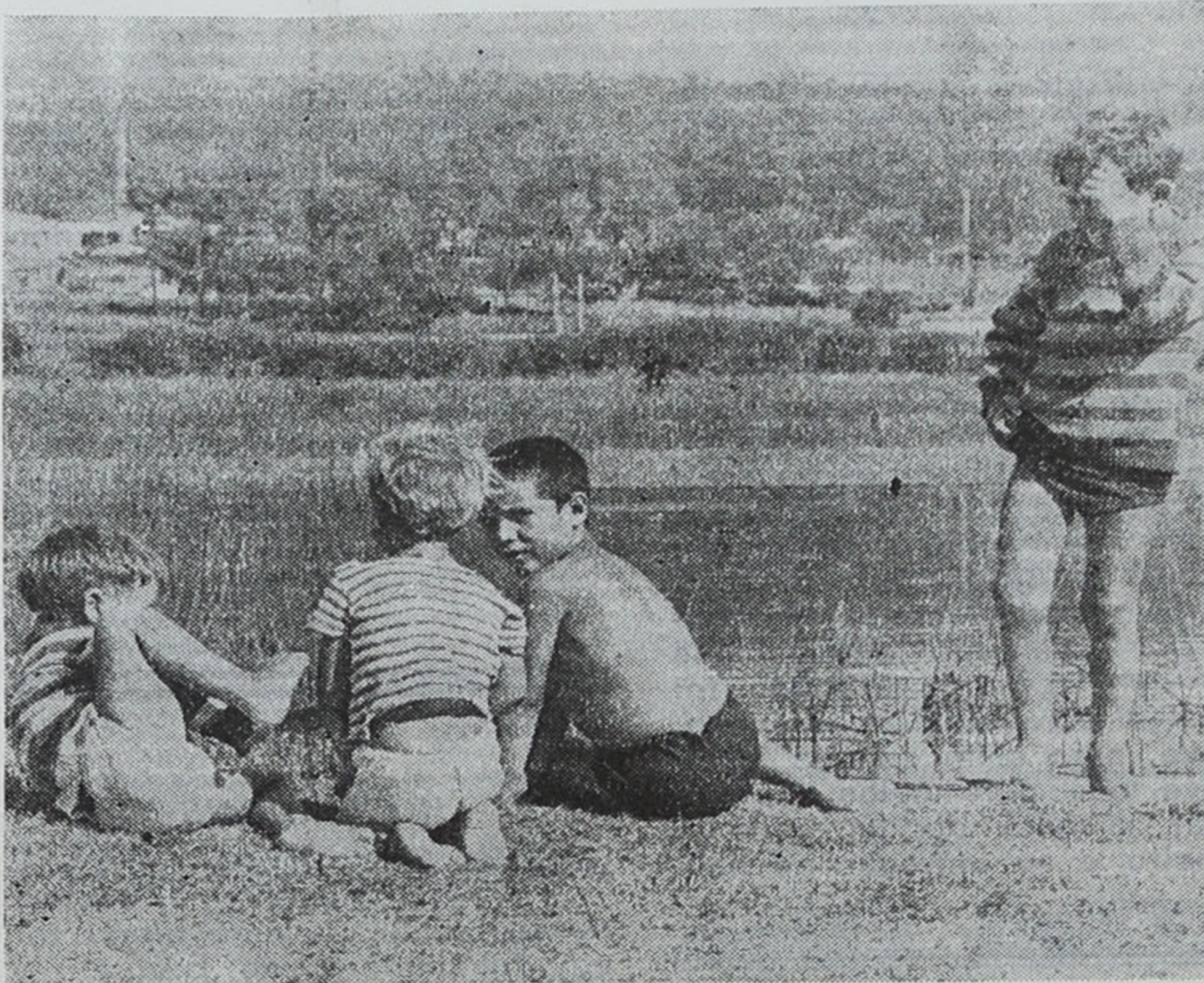
Em Portugal acontece uma coisa curiosa: é que, contrariamente ao que se passa noutros países europeus aqui a canção de qualidade é a canção política. Isso não significa que não seja importante desenvolver um esquema de canção comercial de qualidade. Não podemos pensar que só a canção política serve: a canção comercial de qualidade deve ter um lugar no nosso panorama cultural. A prática dos órgãos de informação

continua na página 4

1978

Ano Internacional da Criança

A Assembleia Geral das Nações Unidas, por resolução de 21 de Dezembro de 1976, proclamou o ano de 1978 como Ano Internacional da Criança, esclarecendo tratar-se de «um ano durante o qual se deseja encorajar todos os governos a reverem os seus programas para a promoção do bem-estar das crianças e mobilizarem o apoio necessário a programas de acção nacional e local, de acordo com as condições, necessidades e prioridades de cada país». Assim sendo, e dado que em Portugal não existe ainda nenhuma entidade que assuma directa e integralmente a política global relativa à infância, o Governo decidiu constituir uma Comissão Nacional para o estudo e coordenação das iniciativas relativas ao Programa da ONU sobre o Ano Internacional da Criança. A Comissão da Condição Feminina competem, provisoriamente, as funções executivas para avançar nas realizações necessárias.



Os objectivos a atingir com o Ano Internacional da Criança são, segundo a ONU, essencialmente os seguintes:

- servir de enquadramento à defesa activa dos direitos das crianças e aos esforços que visem tornar os responsáveis pelas decisões e o grande público mais consciente das necessidades específicas das crianças;
- estimular o reconhecimento do facto de que os programas em favor das crianças deveriam fazer parte integrante dos planos de desenvolvimento económico e social, uma vez que o que se pretende é realizar, tanto a longo como o curto prazo, actividades continuadas a favor das crianças à escala nacional e internacional.

OBJECTIVOS E ACÇÕES DA COMISSÃO NACIONAL

O grande objectivo das Nações Unidas ao declararem o Ano Internacional da Criança é chamar a atenção do mundo para os direitos da criança, tal como estão indicados na Declaração Universal, aprovada unanimemente por todos os Estados Membros da ONU em 1959, propondo a cada país que faça pelas suas crianças o máximo e o melhor, atendendo às características e possibilidades de cada um.

Nesse sentido, a Comissão Nacional tem em conta a situação extremamente carenciada das crianças portuguesas, lembrando a propósito que Portugal

continua na página 4

Rascunhos

Lá em casa eram quatro. O miúdo, absolutamente normal, ainda capaz de trocar as sílabas das palavras embora já falasse pelos quatro cotovelos. O pai, cedo tristemente viúvo, que adorava o filho. A tia, solteira, irmã do pai e a quem só faltava tê-lo gerado para ser mãe de pleno direito do sobrinho querido. A criada (hoje respectivamente chamada de empregada doméstica) que idolatrava o menino.

Um dia, à mesa, entre várias palavras trocadas na maior das normalidades do dia-a-dia familiar, o miúdo, em vez de pronunciar a palavra «mala» pronunciou a palavra «lama». O pai, com a sua calma habitual, corrigiu o erro. O miúdo, monstrosinho teimoso, insistiu na baralhação das sílabas. O pai voltou a corrigir e o menino voltou a teimar na sua. Nova correcção paterna e consequente teimosia do rebento. O pai, já menos calmo do que o habitual, pegou um talher e, com o respectivo cabo, vá de dar uma ligeira pancada na mão do filho. Pancada que doeu imensamente mais à ternura carinhosa do pai do que à mãozita do catraio. O pai ficou de cara dura. O menino, embatucado e ferido pela sua teimosia vencida, lá balbu-

ciou, contrariadíssimo, a palavra «mala». A tia silenciou a sua aprovação pela atitude do pai para não provocar no pequeno uma fonte de lágrimas sentidas. Em silêncio a refeição acabou. E logo que o mocito pôde levantar-se da mesa, vá de ir até à cozinha, postar-se junto à criada, pegar num talher, com o cabo dela dar uma pancada ligeira na mão da servicial e, impante de vitória, dizer: «Não é mala, é lama!»

O menino cresceu, fez-se homem. Permaneceu talvez ainda um pouco teimoso, mas muito menos. Deixou de baralhar as sílabas das palavras. Perdeu, ainda adolescente, a presença física do pai, cedo coitado por doença imperdoável. Mas nunca mais esqueceu a pequena cena da sua infância. E ainda muitas vezes, hoje, se recorda dela. Especialmente quando ouve certas personalidades de projecção pública afirmar agora uma coisa e desdizer-se com a maior desfaçatez, proclamar-se isto e agir como aquilo com a maior lata deste mundo.

Ah! Já me esquecia de dizer que foi aquela a única vez em que o meu pai me bateu.

Carlos P. Morais



PORTE PAGO